



INTERPROFISSIONALIDADE NO COMBATE À PANDEMIA DE COVID-19

MATHEUS CARRETT KRAUSE¹; MARIA LAURA VIDAL CARRETT²

¹ Acadêmico do curso de Medicina da Universidade Federal de Pelotas – kcmatheus@msn.com

² Universidade federal de pelotas – mvcaret@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Durante os últimos anos a formação em saúde tem sido um dos focos do Sistema Único de Saúde. Diante desse cenário se observa uma incoerência, pois apesar de se ter ideia que as dinâmicas de trabalho em equipe, focadas no trabalho interprofissional, são extremamente importantes dentro da formação em saúde, se observa que os cursos da área da saúde trabalham de forma independente, com estruturas próprias e legitimando e fortalecendo a separação, mesmo que futuramente necessitem trabalhar em equipe (COSTA, 2016).

Educação interprofissional é definida quando no mínimo duas áreas da saúde, seja através dos contatos entre discentes ou docentes, estão engajadas com o ensino conjunto, ou seja, aprendem juntos, um aprende com o outro e/ou aprender sobre as funções do outro para facilitar a colaboração (MCPHERSON et al, 2001; BRIDGES et al., 2011; FORTE et al., 2016). O objetivo da educação interprofissional é desenvolver estudantes da área da saúde como futuro membros de uma equipe profissional (BRIDGES et al., 2011). É importante destacar que somente compartilhar um mesmo espaço físico não significa interprofissionalidade, mas sim quando há clareza no reconhecimento e na intencionalidade da prática colaborativa como resultado futuro (COSTA, 2016).

O resultado de um bom serviço interprofissional é um melhor resultado em saúde (com menor mortalidade e morbidade dos pacientes, além de uma diminuição dos custos no cuidado em saúde) e melhor satisfação do atendimento pelo paciente (MCPHERSON et al, 2001). É de extrema importância que durante a formação fique claro aos discentes esses resultados da produção de serviços de saúde mais integrais e efetivos através da educação e do trabalho interprofissional (COSTA, 2016).

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência que o projeto “O Trabalho interprofissional em saúde no enfrentamento à Pandemia de COVID-19” proporcionou ao grupo de alunos selecionados a atuarem no projeto durante o segundo semestre de 2020.

2. METODOLOGIA

Esse trabalho surgiu a partir de um Projeto de Extensão intitulado “O Trabalho Interprofissional em Saúde no Enfrentamento à Pandemia”, vinculado a Universidade Federal de Pelotas. Nele, alunos e professores se encontravam semanalmente para debates e sanar dúvidas dos colegas, além de encontros semanais com as famílias em situação de vulnerabilidade que estavam sendo acompanhadas.

Os grupos foram divididos e distribuídos de forma que alunos de diferentes cursos, níveis de formação e idades formassem um grupo que seria supervisionado por professores também com diferentes formações. Havia no



grupo acadêmicos de Medicina, Educação Física, Medicina Veterinária, Nutrição e Odontologia.

Os encontros com os professores e colegas foram realizados através de chamadas pela plataforma da universidade de webconferência semanalmente às terças-feiras, com duração média de uma hora. Já os encontros com a família foram realizados semanalmente aos sábados, através de ligações por chamadas de vídeo pelo WhatsApp®, com duração média de quarenta minutos.

O projeto teve duração de Julho à Setembro de 2020, durante a Pandemia de COVID-19.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto “O trabalho interprofissional em saúde no enfrentamento à Pandemia de COVID-19” me chamou a atenção, pois frente a um dos momentos de maior fragilidade mundial, com uma realidade totalmente diferente e adversa que enfrentamos, considerei que seria o momento ideal para me colocar a disposição a ajudar aquelas pessoas que estariam em maior vulnerabilidade. Além disso, tratava-se de um projeto que geraria desafios enormes de comunicação, bem diferente daqueles que eu estava acostumado, e que acredito que serão desafios presentes no futuro da minha vida profissional.

Já no primeiro encontro com o grupo, percebi que se tratava de um grupo com pessoas de diferentes cursos, cada um em nível de formação e de diferentes idades. Isso possibilitou que durante as discussões, diferentes enfoques fossem dados frente a uma mesma questão. Ainda, foi possível perceber que, conforme o grupo foi lendo os materiais complementares sobre o COVID-19 e as dúvidas foram surgindo, muitas vezes os alunos dos outros cursos conseguiam esclarecer de forma mais embasada. Além disso, o projeto me surpreendeu, positivamente, por possibilitar um trabalho em equipe, trabalhando a comunicação entre diferentes grupos profissionais, uma situação diferente do que normalmente ocorre em outros projetos da universidade.

Algo que considerei interessante foi que, sempre que um assunto relacionado à Medicina era comentado durante as reuniões, eu ficava extremamente motivado para estudar e me atualizar sobre esse assunto para que na próxima reunião eu pudesse acrescentar essa informação no debate. Da mesma forma, acredito que os colegas pensavam o mesmo e também buscavam mais conhecimento nas suas áreas para compartilhar com os outros. Como resultado final houve o crescimento de todos, pois acabávamos lendo mais sobre nossas áreas, porém adquiríamos também conhecimento nas outras.

Por fim, acredito que o resultado desse trabalho interprofissional tenha refletido na maior qualidade do cuidado às famílias em vulnerabilidade que acompanhamos.

Diante do supracitado, acredito que o projeto conseguiu cumprir com seus principais objetivos de forma exitosa. Da mesma forma, meus objetivos pessoais também foram cumpridos, principalmente as questões relacionadas ao contato interprofissional, à tentativa de me aproximar e me comunicar com a família de forma totalmente virtual e, por fim, o meu crescimento com relação às informações do Covid-19.

4. CONCLUSÃO



A melhoria da qualidade da atenção à saúde se deve, em grande parte, a interprofissionalidade e essa reflexão, por si só, já gera resultados positivos nos serviços de saúde. Porém, ainda existem diversos obstáculos a serem passados, como a busca de apoio institucional, respaldo na política atual e futura, qualificação do corpo docente para a interprofissionalidade, fortalecimento das relações entre universidade, serviço e comunidade e, principalmente, acreditar que essa mudança é um avanço no que se refere à saúde.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, M.V. A educação interprofissional no contexto brasileiro: algumas reflexões. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v.20, n. 56, p. 197-198, Mar, 2016.

MCPHERSON, K; HEADRICK, L; MOSS, F. Working and learning together: good quality care depends on it, but now can we achieve it? **Qual Health Care**, 2001; 10 Suppl 2 (Suppl 2):ii46-ii53. Doi:10.1136/qhc.o100046.

BRIDGES, D.R; DAVIDSON, R.A; ODEGARD, P.S; MAKI, I.V; TOMKOWIAK, J. Interprofessional collaboration: three best practice models of interprofessional education. **Medical Education Online**, 2011 Apr 8;16. doi: 10.3402/meo.v16i0.6035. PMID: 21519399; PMCID: PMC3081249.

FORTE, F.D.S; MORAIS, H.G.F; RODRIGUES S.A.G; SANTOS, J.S; OLIVEIRA, P.F.A; MORAIS, M.S.T; LIRA, T.E.B.G; CARVALHO, M.F.M. Educação interprofissional e o programa de educação pelo trabalho para a saúde/Rede Cegonha: potencializando mudanças na formação acadêmica. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 20, n. 58, p. 787-796, Set. 2016.

CORIOLO-MARINUS, M. W.L; QUEIROGA, B.A.M; RUIZ-MORENO, L; LIMA, L.S. Comunicação nas práticas em saúde: revisão integrativa da literatura. **Saude soc.**, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 1356-1369, Dec. 2014.